

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

SHAKESPEARE E «CARTA»

O SENHOR D. LUIZ I

Como rei constitucional, para uso particular d'um povo sem ambições, que preza antes de tudo as suas commodidades e o conchego do seu lar, o monarcha que hoje se senta na commoda poltrona a que as camaras municipaes e outras graves corporações do estado chamam *throno* por occasião dos anniversarios solemnes, é certamente uma das testas coroadas mais benignas, mais bem conceituadas e das que menos desafiam hoje na Europa as iras da demagogia entre nós inaugurada simplesmente como sociedade de passatempo e recreio, para intertimento d'um ou d'outro espirito fantasista do paiz.

Ha cerca de quinzes annos, que tantos são, pouco mais ou menos, os do seu reinado, que S. Magestade ouve quotidianamente, no uzo das regias prerogativas, as descomposturas matinaes dos partidos monarchicos que, em virtude da rotação do systema, se acham na adversidade — fóra das secretarias do Terreiro do Paço. Em quanto um grupo lhe dá beijocas na irresponsavel mão, ha sempre outro que lhe dá cacholetas na resplendente corôa, até que o segundo volva a comer para o primeiro ficar a *malhar*.

Tudo isto, entretanto, para bem das formulas politicas vigentes, podendo mesmo afirmar-se que durante o meio seculo da nossa vida constitucional, até hoje, com rarissimas excepções, do mais acerrimo demagogo tem sahido sempre o mais pontual amanuense.

Raro tem sido entre nós o tribuno que depois de pedir a cabeça do tyrano não acabe por pedir uma manga d'alpaca.

Certo d'isto, confiado n'esta pura verdade constitucional, S. Magestade — em quanto os partidos luctam — nas horas que as recomposições ministeriaes lhe deixam livres, traduz, dispendendo os preciosos momentos que lhe sobram do seu officio de pessoa reinante n'estas duas occupações gentis, — atirar aos pombos e *atirar-se* a Schakespeare.

Excellente pessoa, embrulhado no manto d'um benevolo rei, jamais lhe seria possivel atraiçoar a Carta, essa Carta de que os partidos militantes teem feito uma *carta de jogar,* mas á qual, S. Magestade parece dispensar o respeito supersticioso que se deve a uma *carta de familia.* Inimigos jurados ninguem lh'os conhece e jamais passaria pela cabeça d'alguem que um fanatico se aproximasse de S. Magestade para commetter na sua pessoa qualquer acto de violencia que não fosse pedir-lhe tres libras.

Quando a Europa tiver noticia de que o Senhor D. Luiz I. foi atacado pode desde logo ficar certa de que o instrumento do ataque foi uma lista de subscripção.

Com os seus dois batedores adiante, simples manifestação do fastigio monarchico, S. Magestade póde percorrer descançado todos os recantos do seu reino, sendo verosimil, que qualquer Sá de Miranda, presidente de Camara, lhe saia ao caminho e lhe repita, no caso de as saber, as palavras que outro Sá de Miranda já tinha dito a D. João III.

Com duas canas deante
His amado e his temido

O paiz tem no temperamento de S. Magestade, o fiador mais efficaz das instituições vigentes. Jamais, quaesquer que fossem as circumstancias da nossa vida politica, o Senhor D. Luiz I seria capaz de se arrogar o papel de despota. Os cabellos loiros, a tez d'uma brancura suave, o olhar d'um azul claro e languido, são inteiramente incompativeis com a tyrania.

Mostrando sempre a maior predilecção pelas coisas de marinha, S. Magestade compraz-se em andar d'ordinario fardado d'almirante, se bem que o ministerio competente não disponha d'uma quantidade de navios correspondente ao galões do seu rei.

Entretanto como no systema constitucional predomina a ficção, Sua Magestade supõe embalar-se no camarote da fragata almirante, embalando-se simplesmente no seu camarote em S. Carlos.

Do Senhor D. Luiz I póde dizer-se que é um rei *literal* modelado pelas antigas formas de Leopoldo da Belgica, á vista do qual, no ultimo quartel do seculo XIX, teem de ser copiados os soberanos que da revolução ficaram em saldo á Europa.

Sem ser uma personalidade, exactamente como convem a um alto magistrado cuja obrigação é ser ao mesmo tempo uma testa coroada e uma *pélla,* para assim ser atirado das mãos do Sr. Braancamp para as do Sr. Fontes e das do Sr. Duque d'Avila para as do Sr. Bispo de Vizeu, no *jogo regular das instituições*, o Senhor D. Luiz I possue todas as prendas que podem fazer o encanto da sociedade. Falla as linguas, desenha, cultiva o violoncello, traça a caricatura da sua côrte, compraz-se com a astronomia, com a botanica, com a pyrothecnia, e é mesmo prendado até ao ponto de achar espirito aos ministros da corôa com quem conversa!

Quaesquer que sejam os abalos por que o paiz tenha de passar no periodo de lucta e de reconstrucção que evidentemente se opera na velha Europa, é certo que o Sr. D. Luiz I não deixará na historia uma má memoria de si.

Foi rei constitucional, traduziu Schakespeare, condecorou quasi todos os seus subditos e inspirou ao *Album das Glorias* uma biographia que em nada offende a constituição.

A posteridade nada mais pode exigir d'elle.

João Rialto.

TYP. 21, RUA AUGUSTA, 25